

O valor epistemológico da provocação

The epistemological value of provocation

Réplica de Tarcísio de Sá Cardoso aos comentários de Luiz Claudio Martino

Tarcísio de Sá Cardoso

<https://orcid.org/0000-0002-1093-5307>
tcardoso@ufba.br

Professor adjunto da Faculdade de Comunicação da UFBA. Doutor em Tecnologias da Inteligência e Design Digital e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Membro do grupo de pesquisa TransObjeto (PUC-SP) e do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC, UFRGS/UFBA), é também pesquisador colaborador do Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço (LAB404, UFBA). Atua na docência em cursos superiores na área de Comunicação e Filosofia desde 2010, com ênfase em Teorias da Comunicação, Semiótica e Cultura Digital. Atualmente, desenvolve pesquisa em epistemologia da comunicação, semiótica e cultura digital, com interesse nos trabalhos de Charles S. Peirce e Bruno Latour, especialmente os relacionados à filosofia e sociologia da ciência.

<http://lattes.cnpq.br/0295736592288682>

Antes de ampliar esse debate tão enriquecedor, gostaria de deixar claro que é uma honra ter meu texto publicado na revista *Questões Transversais* (QT) tendo como relator o Prof. Luiz Claudio Martino, por quem tenho profunda admiração pessoal e profissional, e que é referência de minhas leituras e de meus alunos de *Teorias da Comunicação* na UFBA. Infelizmente, neste espaço não há possibilidade de discutir detalhadamente todas as questões apresentadas pelo Prof. Martino, que, de todo modo, servirão de inspiração para trabalhos futuros. Comento sinteticamente as principais críticas do Prof. Martino ao meu texto:

– *Aparente aleatoriedade nas escolhas dos exemplos da literatura de comunicação* – na verdade, minha escolha teve um critério: os temas epistemológicos de fundo presentes no cenário teórico atual do campo da comunicação, tomando como exemplar o GT de Epistemologia da

Compós de 2018, de modo a tentar identificar recorrências com outros autores da comunicação que discutem temas e abordagens centrais da comunicação na era digital, como o próprio Martino ou como Couldry e Turow. Essa escolha, portanto, foi motivada (e não aleatória) pelo debate com o GT imediatamente anterior (2018) ao que propus meu texto, com temas recentes da epistemologia da comunicação, tendo em vista formular um debate com a obra de Bruno Latour, autor que passei os últimos quatro anos estudando com bastante cuidado, e que coloco em diálogo com o campo da comunicação.

– *Posição ideológica de Latour* – não concordo com a aplicação do termo “ideológico” neste contexto. Concordo que Latour é polêmico e forte em sua posição epistemológica, o que não o torna um ideólogo como um Olavo de Carvalho. Concordo com Martino que Latour é intencionalmente polêmico, mas isso não quer dizer que não tenha valor epistemológico. Não tenho pessoalmente concordância com a interpretação latouriana de ciência, mas admiro a leitura e a provocação, sem, no entanto, aderir cegamente a ela. Essa me parece justamente a maior contribuição de Latour para as ciências em geral e para a comunicação em especial: a busca, através de uma epistemologia estranha, por tirar-nos de uma zona de conforto e convidar-nos para um rastreamento dos atores que compõem um campo do conhecimento.

– *“Não ficou claro o que seria a questão sobre a qualidade da comunicação”* – Martino critica a interpretação de “qualidade” como “valor” para caminhar para qualidade como “propriedade, parte constitutiva, natureza” e finalmente “traços constitutivos”. Só posso agradecer ao Prof. Martino por explicar a “qualidade” e mais ainda por não a confundir com a de valor. Vale acrescentar que indagar sobre a qualidade não se confunde, como deixei claro no artigo e como o próprio Martino reconheceu no relato, com essencializar a comunicação. Martino aponta

um problema muito interessante para o diálogo entre meu texto e o seu. Aliás, aproveito para elogiar a classificação, feita por Martino em seu texto (publicado também neste número da *QT*), das três atitudes epistemológicas da comunicação (atitude “metafísica”, “histórica”, “conceitual”). Na minha leitura (sem querer adentrar aqui o debate sobre o texto de Martino), dentro dessa classificação do autor, a atitude *metafísica* seria problemática por pouco considerar as redes de conceitos que permitiriam costurar uma ideia mais madura, ficando restritas à construção isolada (dogmática) de um autor. Na abordagem *histórica*, essa rede que compõe o conceito seria dada por fatores relativos ao seu contexto histórico; na abordagem *conceitual*, a rede seria dada pelo sistema teórico em que surge o conceito. Colocada nestes termos, imagino que a crítica de Martino aos textos de comunicação que adotam uma postura “metafísica” está relacionada a um isolamento do conceito. Isto se aproxima muito do que chamei de uma atitude de “essencializar a comunicação”. No entanto, penso que quando partimos de abordagens históricas e conceituais das quais fala Martino, é bem possível falarmos, sem essencializar, das qualidades da comunicação, pois há algo (na verdade, creio que há muitos “algos”) que pode ser identificado como recorrente, como comum, como algo que perpassa o conjunto das reflexões ou pesquisas sobre comunicação. Se aceitarmos que há, de fato, algo que nos une como pesquisadores que pesquisam *algo* (comunicação), não poderíamos então falar deste *algo* por suas qualidades?

Parece-me que a proposta epistemológica de Silveira Jr. e Alonso (2018) pretende, de fato, perguntar sobre o haver ou, na minha leitura, as qualidades da comunicação. Mas não sei se isto seria uma atitude equivalente a uma questão metafísica sobre “qual o ser do tempo?”, pois se o ser da comunicação for um ser relacional, então isto significa, sim, que comunicação trata, dentre outras, de certos tipos de relações, mas não necessariamente que essas relações são coisas. Se o haver da comunicação tratar das qualidades relacionais que estão presentes toda vez que há comunicação, isto não necessariamente quer dizer que a comunicação é esta ou aquela qualidade relacional, mas que quando há comunicação há tal qualidade (relação, transformação, vínculo). Se entre dois humanos há diálogo, e se entendemos que a comunicação se faz presente através deste diálogo, então poderemos dizer com Silveira Jr. e Alonso que o “haver” da comunicação se deu em uma situação em que houve vínculo e transformação nos agentes. Mas isso não quer dizer que o que caracteriza o “haver comunicação” seja “a coisa vinculada”, nem a “coisa transformada”, e sim o “processo de transformar” ou de “vincular”; portanto, o haver comunicação seria fundamentalmente uma relação transformadora (essa relação, de todo modo, não seria um “algo” como um

“ente”, mas uma ação e, portanto, não tem qualidades de coisa, mas qualidade de ação). Neste sentido, parece-me que Silveira Jr. e Alonso não perguntariam “qual o ser da comunicação?”, mas “o que queremos dizer quando dizemos que há comunicação ou a ação de comunicar?”. Mesmo que este tipo de questão seja vista, como propõe Martino, como um tipo de abordagem “metafísica” da comunicação, ainda assim não sei se os autores concordariam que o “conceito metafísico de comunicação” pode ser visto a partir de um apelo à categoria do ser. Parece-me que talvez o que Silveira Jr. e Alonso pensam sobre a comunicação tenha a ver com as condições relacionais de uma “alteração”, que transforma, que vincula, não diz de algo que “é”, mas de uma ação “que transforma algo que era naquilo que passa a ser” ou, dito ao estilo latourianiano, uma multiplicidade de ações que fazem com que um modo de ser passe a outro.

– “O autor ignorou as obras que fazem este trabalho de levantamento dos objetos (ou problemas) da área” – a ideia do trabalho era elencar algumas das ideias que têm surgido recentemente no campo dos estudos teóricos e epistemológicos da comunicação. Por isso, elencaram-se trabalhos do GT de Epistemologia do ano anterior da Compós (2018) e da literatura recente. De fato, uma relação entre os temas discutidos e os temas clássicos poderia ter ajudado a dar mais consistência ao argumento. Acato inteiramente a sugestão de Martino de, em trabalhos futuros e com mais espaço, explorar outras obras que fazem um levantamento dos objetos da comunicação, que, concordo, ajudariam a dar liga entre temas atuais e clássicos, de modo a permitir, inclusive, identificar recorrências e permanência entre temas e objetos estudados.

– “O que é mídia?”, “bibliografia ignorada” – na leitura de Martino, ignorei a bibliografia sobre o que é mídia e priorizei uma reflexão “economicista” sobre mídia. O exemplo utilizado (obra de Turov e Couldry) tinha o objetivo de identificar entre os estudos teóricos sobre comunicação a presença de certo tipo de preocupação em revisitar uma questão de fundo sobre os “meios de comunicação” (mídia). Devo salientar, aliás, que ao reler o texto sugerido pelo Prof. Martino, “O que é Meio de Comunicação? Uma questão esquecida” (Martino, 2017), identifico justamente a recorrência da questão sobre “mídia” (aparece no texto de Martino, no de Turov e Couldry e ainda em uma incontável série de trabalhos em comunicação). Identifico no texto do Prof. Martino também uma questão sobre a qualidade da comunicação, que ali aparece sob a égide do que denomina “paradigma da simulação” (*ibid.*, p. 81). Para Martino, vale lembrar, responder que meios de comunicação simulam mentes não é esgotar a questão fundante da epistemologia da comunicação (“o que é meio de comunicação”). Cito o próprio Martino:

Por fim, é preciso deixar claro e separar o potencial desta resposta dos meios como simulação da mente [...] da questão epistemológica de fundo (o que é meio de comunicação?). Na condição de questão fundante de nossa área de estudo, esta última não pode ser esgotada por nenhuma resposta particular e permanece motor de reflexão (Martino, 2019, p. 94).

– “Defesa do pluralismo pode constituir um argumento válido” – o pluralismo de Latour não me parece um problema em si, mas talvez seja um problema definir tal proposta epistemológica e o que ela teria a contribuir com a comunicação. O pluralismo de Latour, na minha leitura, é uma provocação a certa tendência das ciências (sociais e naturais) de dualizar os fenômenos em “social” de um lado e “natural” de outro, como se questões da natureza não tivessem relações com a ação humana e como se questões sociais não tivessem relação com a ação não-humana. No exemplo favorito de Latour, quando dizemos das alterações climáticas não estamos dizendo apenas das massas de ar e de temperatura, mas de massas de ar, lençóis freáticos, indústrias, tecnologias criadas por humanos, políticas públicas, etc. Pensar a partir de híbridos é, na minha leitura, uma provocação latouriana para que as ciências não partam de uma separação entre natureza e sociedade, mas que reconectem em seus modos de fazer ciência aquilo que nos acostumamos a separar, de modo que seja possível considerar aspectos mais complexos do híbrido social-natural, das redes de ações e de atores que compõem um sistema amplo de associações e modos de existência. Se isto for entendido como pluralismo, este pluralismo diz, antes de tudo, de uma característica de complexidade inerente ao fenômeno reticular do humano-não-humano. O que isto traria para a comunicação é o que tento responder na parte final de meu artigo, sem a pretensão de ter esgotado o tema.

– “Nunca fomos modernos, mas isso apenas recentemente” – a ideia de Latour é que fomos (e somos) modernos sempre que partimos de um dualismo *a priori* para analisar aquilo que é misturado. Neste sentido, “ser moderno” é uma característica de uma atitude humana que pode ser entendida como um partir do puro para estudar a mistura. Isto, na visão de Latour, seria necessariamente aderir a um tipo de epistemologia que foi elaborada no período da filosofia moderna (especialmente no iluminismo de Immanuel Kant). Não-moderno, ao contrário, seria observar os fenômenos já misturados e acompanhar as ações (humanas e não-humanas) em processo de reelaboração das misturas, de modo a visualizar uma rede de atores tornada estável apenas e sempre *a posteriori*. Neste sentido, se partimos de uma “purificação *a priori*” somos modernos; se partimos de um relacionismo interessado no híbrido e caminhamos para “encontrar

diferenças *a posteriori*” somos não-modernos. Assim, não creio que Latour diria que “nunca fomos modernos, mas só recentemente”, mas acho que diria que “nunca fomos modernos enquanto mantivemos a possibilidade de partir de misturas para identificar o *a posteriori*”.

– “Aplainamento ontológico”, “intencionalidade”, “prevalência da existência em relação à essência” – não há, para Latour, intencionalidade no mundo não-humano, mas tampouco há no humano. Só há na associação humano-não-humano. Assim, para Latour, não devemos partir das essências, dos puros, mas das existências, daquilo que é não-puro, daquilo que é mistura, que é agregado, social, rede. É estudando o comportamento dessas redes (existências) que percebemos as ações e os atores que, ao final de um processo de ação, tendem a estabilizar partes da rede (criando essência). Mediação é justamente o “derivar essências estabilizadas a partir dos atores e suas interações”.

– “A epistemologia estaria superada” – não vejo assim. Acho que a ideia de Latour é propor uma epistemologia política, a partir de um cenário moderno-não-moderno, que recoloca a associação de heterogêneos como um objeto de estudo a ser mapeado e também teorizado, interpretando a própria coelaboração de um social enquanto ele está se fazendo.

Referências

- BACHELARD, G. 2008. *O novo espírito científico*. Lisboa, Edições 70.
- BRAGA, J.L. 2006. Mediatização como processo interacional de referência. *Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, [s. l.], 5(2):9-35.
- BRAGA, J.L. 2011. Constituição do campo da comunicação. *Verso e Reverso*, [s. l.], XXV(58):62-77, jan.-abr.
- BRAGA, J.L. 2018. Interagindo com Foucault: os arranjos disposicionais e a comunicação. In: *Anais do XXVII Encontro Anual da Compós*, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 05 a 08 de junho de 2018, p. 1-21.
- BRUNO, F. 2012. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. *Revista FAMECOS*, [s. l.], 19(3):681-704.
- BRUNO, F. 2013. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. [s. l., s. n.].
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1995. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. São Paulo, Editora 34.
- HJARVARD, S. 2014. *A mediatização da cultura e da sociedade*. São Leopoldo (RS), Unisinos.
- LATOUR, B. 1994a. *Jamais fomos modernos*. São Paulo, Editora 34.
- LATOUR, B. 1994b. On Technical Mediation. *Common Knowledge*, [s. l.], 3(2):29-64.
- LATOUR, B. 2002. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. São Paulo, Edusc.
- LATOUR, B. 2012. *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador, Edufba.
- LATOUR, B. 2013. *An Inquiry into Modes of Existence: An Anthropology of the Moderns*. Cambridge, Harvard University Press.

- LEMOS, A. 2010. Você está aqui! Mídia locativa e teorias “Materialidades da Comunicação” e “Ator-Rede”. *Comunicação & Sociedade*, [s. l.], **32**(54):5-29.
- LEMOS, A. 2013a. *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo, Annablume.
- LEMOS, A. 2013b. Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede. *Galaxia*, [s. l.], 25:52-65.
- MARTINO, L.C. 2017. O que é Meio de Comunicação: uma questão esquecida. In: L.C. MARTINO, *Escritos sobre Epistemologia da Comunicação*. Porto Alegre, Sulina.
- SALGADO, T.B.P. 2018. *Fundamentos pragmáticos da teoria ator-rede para análise de ações comunicacionais em redes sociais online*. Universidade Federal de Minas Gerais, [s. l.].
- SANTAELLA, L.; CARDOSO, T. 2015. O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour. *Matrizes*, São Paulo, **9**(1):167-185.
- SANTAELLA, L.; LEMOS, R. 2010. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do twitter*. São Paulo, Paulus.
- SILVEIRA JR., P.M.; ALONSO, A. 2018. Comunicação das pessoas crise do social, teoria e psicanálise. In: *Anais do XXVII Encontro Anual da Compós*, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 05 a 08 de junho de 2018, p. 1-18.
- SILVEIRA, S.A. 2017. Governo dos algoritmos. *Revista de Políticas Públicas*, São Luís, **21**(1):267-281.
- TUROW, J.; COULDRY, N. 2018. Media as Data Extraction: Towards a New Map of a Transformed Communication Field. *Journal of Communication*, **68**(1):415-423.